

Sobre Saber Ler na Sociedade do Conhecimento

[Insight 046, em 28/08/2001]

Por Jayme Teixeira Filho

Qual a importância do ato de ler nos dias atuais? Mais ainda, qual o valor que saber ler agrega na nossa vida pessoal e profissional? Numa "sociedade do conhecimento", o que é "saber ler"? Seremos ainda capazes de "ler", quando textos são cada vez mais "hipertextos" e os contextos cada vez mais globalizados? Que "vantagens competitivas" saber ler pode trazer? Enfim, numa era cada vez mais de imagens, ainda faz sentido ler? Essas questões fundamentais estão presentes por trás da idéia de "sociedade do conhecimento".

As perguntas, talvez mais do que as respostas, têm o poder de criar futuros alternativos. Elisabeth Arnold e Rod Beckström (Braintickers : Beyond Y2K - Questions for the New Millennium and the Year 3000, San Francisco: Intraware, 1999) argumentam que, só por fazer perguntas instigantes, já estamos alterando nosso futuro. Assim, a qualidade das questões colocadas por uma sociedade condicionam a qualidade de vida da comunidade global.

A ONU usa uma definição de "analfabetismo" que vem bem ao encontro dessas questões. Para a ONU, o "iletrado" (ou analfabeto) não é aquele que simplesmente não sabe ler e escrever. O iletrado é aquele que não domina a sua linguagem, o seu idioma, o suficiente para: i. entender as instruções de funcionamento das ferramentas de seu ofício, e assim poder atuar como trabalhador produtivo, e ii. entender seus direitos e deveres na sociedade em que vive, e assim poder viver plenamente como cidadão. Nessa perspectiva, o "saber ler", na sociedade do conhecimento em que estamos entrando, é poder se posicionar no mercado de "trabalhadores do conhecimento" e garantir conscientemente seus direitos políticos numa sociedade interconectada. O acesso a esse mercado de trabalho e a essa rede de relações já é em si um problema, principalmente nos países periféricos. Mas a decifração dos conteúdos que fluem nessa rede global passa pelo domínio de uma nova linguagem (não apenas o português ou o inglês), instrumentada por novas ferramentas (que não mais só a do lápis e papel) e construída com novas técnicas (já de hipertexto, e não mais apenas do fraseado linear).

Adilson Citelli (O Texto Argumentativo, São Paulo: Editora Scipione, 1994) defende que as palavras se tornam ações com objetivos práticos. A linguagem assim seria uma forma de ação. Para Citelli, em sociedades abertas, em regimes não-ditatoriais, a luta entre interesses de diferentes indivíduos, grupos e classes se dá também pelo uso da linguagem argumentativa. Daí podemos depreender que saber perguntar e saber argumentar ajudam, em certo nível, a defender os próprios interesses, a própria cidadania. Os discursos, os argumentos e as respostas podem igualmente esclarecer ou confundir, explicar ou mascarar, libertar ou oprimir. Será ainda verdade que dominar a linguagem é dominar o mundo?

Num artigo apresentado no Congresso Brasileiro de Leitura, em 1981, Paulo Freire defendia a importância da compreensão crítica do ato de ler, que para ele não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, "mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo" (A Importância do Ato de Ler, São Paulo: Editora Cortez, 1999, 38a. edição). Para Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e por isso a leitura da palavra não pode prescindir da contínua leitura do mundo. Para "saber ler" é preciso então perceber as relações entre texto e contexto.

Mas quando é mesmo que desenvolvemos esse "saber ler"? Em "O Desaparecimento da Infância" (Rio de Janeiro: Graphia, 1999), Neil Postman mostra que a infância, da forma como a conhecemos, não existiu sempre e talvez esteja desaparecendo. O lugar no tempo de vida reservado ao aprendizado da complexa simbologia necessária ao entendimento do mundo - a infância - está sendo substituído, reduzido, tornado obsoleto. A cada geração, ou menos, as crianças dominam mais cedo os códigos dos adultos. Se antes eram necessários vários anos de "educação" para dar acesso a uma pessoa ao acervo cultural da sociedade, hoje esse acervo é cada vez mais acessível - em várias formas simplificadas, mediadas, "hiperlinkadas" - às pessoas em idades cada vez mais precoces.

Postman não está sozinho em chamar a atenção para os impactos da mídia na educação e das transformações sociais que vem provocando. Giovanni Sartori (Homo Videns: Televisão e Pós-pensamento, Lisboa: Terramar, 1999) argumenta que estamos imersos em um universo multimídia - televisão, Internet, etc. - caracterizado pelo "telever" e pelo "videoviver". Para Sartori, estamos nos transformando de Homo Sapiens, produto da cultura escrita, em Homo Videns, num mundo em que a palavra é destronada pela imagem. E mais: a "videocriança" está sendo criada pelo telever, à frente da TV ou do PC, ainda antes de saber ler e escrever.

Postman argumenta que a infância é talvez a invenção mais humanitária da Renascença. Junto com o estado-nação, a ciência e a liberdade de religião, a idéia de infância nasceu por volta do século XVI. Mas nada impede que seja contestada pelos costumes sociais atuais, como contestada vem sendo a ciência, deusa maior do modernismo. E como Milan Kundera bem observa (Ilustrada, Folha de SP, 5/8/2001), hoje o único modernismo digno do termo é o modernismo antimoderno.

Ler é uma atividade adulta. Ou pelo menos era. É um "trabalho" complexo, um esforço, uma luta, mas também um prazer, uma integração, uma superação. Toda essa complexidade se desmancha na cadeia de links num website, que se abre na seqüência dos clicks de um mouse, que - acredita-se hoje - qualquer criança pode dar. Mas e a traição do sentido? E a sabedoria da interpretação que - acreditava-se até então - só o treino, a prática, a erudição e a educação podiam dar? Kundera atribui uma importância grande as palavras, como todo escritor que por ofício sabe como o sentido das coisas pode ser mudado pela troca de posição de uma simples palavra, ou por sua omissão. Onde fica todo esse aprendizado, que desenvolvemos através dos séculos coletivamente, desde a invenção da escrita? O que pode a interpretação de uma criança exposta ao universo de (des)informação da TV ou da Internet?

Naturalmente, o "saber ler" não afeta apenas as crianças. Ler e escrever estão entremeados, por assim dizer, no próprio tecido cultural. Como a Matrix do filme (The Matrix, EUA, 1999), o ato de ler e escrever, de perguntar e responder, está em todo lugar. A descrição do mundo construída pelas sucessivas camadas de redação - livros, jornais, artigos, anúncios, discursos, etc. - se interpõe entre o indivíduo que lê e o mundo descrito. E mais recentemente, com o cinema, a TV e a Internet, a representação digital do mundo, para cada vez mais pessoas, cotidianamente é o próprio mundo, para a maioria

dos efeitos práticos. Vivemos numa sociedade de intermediação, onde tudo que acontece nos é narrado e descrito, nas diversas mídias, e onde somos cada vez menos testemunhas dos fatos em primeira mão.

Marshall McLuhan (*The Gutenberg Galaxy: The Making of the Typographic Man*, EUA, 1962) já alertava para os impactos da escrita e da imprensa. De um lado, Gutenberg propiciou o fim da cultura manuscrita, pela mecanização da escrita, o que levou à promoção do nacionalismo e das línguas nacionais. Levou também à intensificação de alguns efeitos da escrita. Por exemplo, a complexidade e a riqueza da imersão necessária para a comunicação oral foram substituídas e reduzidas pelo alfabeto à um código visual abstrato. "Saber ler" no universo da palavra falada era saber navegar pelo universo acústico, sem fronteiras, sem direções estritas e carregado de emoção. Já o "saber ler" no espaço da escrita é saber se orientar numa estrutura organizada, limitada, linear e racional.

Para McLuhan, a visão linear da escrita (e da leitura da palavra escrita) condicionou o cartesianismo, a Física de Newton, a perspectiva na arte, a narrativa cronológica na literatura e mesmo a linha de montagem e a sociedade industrial. Para o polêmico professor canadense, a Humanidade atravessou três fases. Na era tribal pré-literária, a palavra falada dominou e ouvir era o mais importante. Na era de Gutenberg, a palavra impressa dominou e ver era o mais enfatizado. A terceira era seria da eletrônica, que de um certo modo nos re-tribaliza, onde há envolvimento sensorial completo, especialmente pelo toque, mas onde nenhum sentido prevalece.

Quer concordemos ou não com a posição de McLuhan, podemos perceber que o ato de ler hoje não é mais como antigamente. Quer pela quantidade de informações que nos chegam diariamente, a multiplicidade de meios, a diversidade de fontes e a velocidade da comunicação, aquilo que nos habilitava a "ler o mundo" até há alguns anos, já não nos serve tão bem hoje. Isso pode ser sentido na comparação entre uma grande biblioteca e a World Wide Web, na analogia entre uma pessoa erudita e um software de search engine num website de busca, ou mesmo cotidianamente na dificuldade que muitos encontram em ler as últimas notícias, num jornal eletrônico, na tela de seu desktop, laptop ou mesmo palmtop.

A tecnologia - principalmente nas áreas de Informação e de Comunicação - representa um papel de apoio essencial hoje nessa leitura do mundo. Por um lado, a tecnologia nos dá novas formas e novos meios de criar, usar, armazenar e transmitir dados, textos, sons e imagens, cada vez mais barato, mais rápido e com maior sofisticação. Philippe Breton e Serge Proulx argumentam, no entanto, que a tão falada "sociedade da informação" é uma utopia tecnicista, na qual são previstas profundas transformações sociais exclusivamente baseadas na inovação tecnológica (*A Explosão da Comunicação*, Lisboa: Editorial Bizâncio, 2000). Breton e Proulx alertam para o risco do aparecimento de uma nova imbricação consumo-comunicação. Nesse cenário, a tendência é que o comportamento de compra não seja apenas um gesto econômico num contexto comercial, mas também, simultaneamente, um gesto de comunicação: o retorno, pelo próprio consumidor, de informações a respeito de seus hábitos e seu modo de vida. Isto significa, que nas redes sustentadas na tecnologia, das práticas de gestão de relacionamento com clientes e do e-commerce, não só estamos sendo condicionados pela publicidade e pelo marketing em nossa leitura do mundo, como estamos sendo "lidos" permanentemente, na condição de consumidores, pelos grandes fornecedores de bens e serviços. Dessa leitura que é feita de nós deriva a atitude dessas organizações em relação a nós, e a outros consumidores parecidos conosco. Ou seja, somos "lidos" na "sociedade do conhecimento" (que não deixou de ser "sociedade de consumo") pelo

que consumimos e pela forma como nos posicionamos em relação ao que nos é oferecido.

Um outro aspecto da transformação da tecnologia sobre a leitura é destacado por André Parente, professor da Escola de Comunicação da UFRJ (O Virtual e o Hipertextual, Rio de Janeiro: Editora Pazulin, 1999). Parente ressalta o projeto de "livro infinito", ou de "biblioteca universal", que atravessa a História desde a Biblioteca de Alexandria, a Enciclopédia Francesa e até a World Wide Web hoje. O texto eletrônico é a encarnação atual desse sonho. A velocidade e a ubiquidade são os principais fatores acrescentados ao livro pelo texto eletrônico: acesso muito mais rápido ao conteúdo e independência em relação à localização física do texto e do leitor. Esses fatores estão induzindo mudanças profundas na forma com que lemos, escrevemos, simulamos e reproduzimos o mundo.

Por outro lado, como alerta Paul Virilio (A Bomba Informática, São Paulo: Estação Liberdade, 1999), as mudanças acontecem num ritmo mais acelerado do que a nossa capacidade de refletir sobre elas. É como se fossemos capazes de ler o mundo cada vez mais rápido, mas sem entender direito o que está escrito. A reação geral têm sido, para Virilio, comemorar o avanço técnico-científico, o desenvolvimento material, o encurtamento das distâncias e a otimização do tempo. De uma forma geral, parece que só há versões positivas dessa leitura do mundo. Talvez porque os agentes políticos e econômicos que criam essas mudanças são os seus próprios beneficiários.

Mas há uma "versão dos perdedores", como ressalta Virilio, um filósofo italiano cético com as vantagens pretendidas da sociedade informatizada. Há uma leitura do mundo cada vez mais ameaçado pela divisão social, pela polarização entre extremos de pobreza e riqueza, entre profissionais altamente qualificados e massas de desempregados, imigrantes indesejáveis e famintos sem saída. Um mundo a mercê do narcotráfico informatizado, do militarismo sofisticado da última e única grande potência, do terrorismo desesperado dos que não comungam da "linguagem dominante". No mínimo temos que reconhecer a pluralidade das leituras possíveis.

Não podemos deixar de pensar também a influência da ideologia no ato de ler numa "sociedade do conhecimento". Lembremos de Milton Santos, geógrafo brasileiro que dispensa apresentações, que em suas muitas entrevistas não cansava de chamar a atenção para a produção de um "apartheid à brasileira", pela fragmentação do território e da sociedade, pela substituição do objetivo civilizatório pela selvageria da desordem social. Como outros inconformados com a descrição do mundo que o discurso oficial parece querer impor, ele também buscava reler o mundo sob outra ótica. Alguns anos antes, Paulo Freire (Pedagogia da Autonomia, São Paulo: Paz e Terra, 1996) ao argumentar que "ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica", indicava a "miopia" que a ideologia induz no ato de ler o mundo. Antecipando e reforçando, sem querer, os protestos de Milton Santos, Freire argumentava que era essa miopia induzida que faz com que muitos aceitem docilmente o discurso fatalista de que o desemprego é uma desgraça do fim do século, de que a globalização da economia foi inventada por ela mesma, como um destino que não se pode evitar e não como uma construção política dos que detêm o poder.

Esse aspecto da leitura neo-liberal do mundo é também abordado por Anthony Giddens (Mundo em Descontrole, Rio de Janeiro: Record, 2000), sociólogo inglês que muita influência vem exercendo no governo trabalhista da Inglaterra. Defensor de uma "terceira via" - nem pelo Estado, nem pelo mercado - como saída para o desenvolvimento de uma ordem social mais justa, Giddens proveu uma a leitura do mundo que encaixou bem nos discursos de muitos líderes democratas, como Bill Clinton,

Tony Blair e, talvez por consequência, Fernando Henrique Cardoso. Guiddens aceita como inevitável o processo de globalização econômica, mas defende formas de "organizações não-governamentais" para equilibrar a balança social. Ao discutir diferentes aspectos do texto e do contexto que estão colocados hoje no mundo - como tradição, família, democracia, etc. - Guiddens procura encontrar novos significados nas mudanças por que passam as culturas tradicionais, a busca de integração global, o fundamentalismo religioso que renasce, o contraste de uma homogeneização das mensagens (pela publicidade, por exemplo) com a retomada das identidades étnicas, bem como todas as incertezas inerentes a esse processo.

Como antídoto, Guiddens propõe uma "democratização da democracia", um aprofundamento da democracia, bem como sua transnacionalização. O aprofundamento da democracia seria necessário porque os velhos esquemas não funcionam quando todos têm o mesmo nível de informação, quando as pessoas têm acesso as mesmas informações do que aqueles que detêm o poder. Assim sendo, para Guiddens, a imersão em informações, a simplificação do acesso ao conhecimento, a exposição precoce dos indivíduos à leitura do mundo - ou seja, os elementos que levariam, para Neil Postman, ao desaparecimento da infância - induzem a necessidade de um aprofundamento do processo democrático. Naturalmente aqui veremos sérias divisões entre otimistas e pessimistas, como em outras leituras do mundo, por exemplo como em Domenico De Masi ou Pierre Levy. E pelo lado da transnacionalização da democracia, Guiddens argumenta que os riscos ecológicos, as flutuações financeiras e as mudanças tecnológicas globais escapam do nível nacional, e assim estão fora dos controles democráticos de qualquer país. Daí a necessidade de um processo democrático supra-nacional, o que não deve ser difícil de imaginar para um autor inglês de frente para a União Européia, apesar de todas as dificuldades operacionais.

Em relação à ideologia também há uma dificuldade extra atualmente que é a confusão conceitual que muitos parecem gostar de alimentar. Há um discurso triunfante, que se pode ler em quase toda mídia, sobre "o fim da História", o "pensamento único", o "fim da esquerda", etc.. Sobre isso, nunca é demais lembrar Norberto Bobbio (Direita e Esquerda: Razões e significados de uma distinção política, São Paulo: Editora Unesp, 1995), que observa que direita e esquerda, apesar de renegadas, ainda ocupam papel central no discurso político, existem uma em função da outra e, apesar de encarnadas em partidos e programas cada vez mais parecidos, ainda trazem a carga emotiva forte da época da Revolução Francesa.

Na década de 1960, Décio Pignatari já ensinava que, assim como a industrialização cria o mercado de consumo e a necessidade de alfabetização universal, cria também a necessidade de informações sintéticas em grande número (Informação, Linguagem, Comunicação, São Paulo: Cultrix, 1993, 11a. edição). Jornal, rádio, televisão, cinema, etc., são exemplos disso. Todos esses meios, superpostos e em conflito, condicionam mudanças de comportamento. Para Pignatari, o século XX era dos designers da linguagem, fossem desenhistas industriais, arquitetos, jornalistas ou publicitários. Esses designers da linguagem são aqueles capazes de perceber ou de criar relações e estruturas de símbolos. Ao criar novas relações entre os signos, forjamos novos significados, re-lemos o mundo e o re-escrevemos, alterando nosso futuro por meio de novas perguntas e novas respostas. E aqui, de novo, a questão da linguagem, do saber ler a linguagem em que o mundo está descrito, esbarra na questão do poder, da capacidade de alterar nosso destino comum.

Num mundo com mais de 6 bilhões de pessoas, quase todo sob a influência de uma cultura industrial de consumo em massa, não podemos deixar de pensar sobre o que seria "saber ler" numa "cultura de massa". Luiz Costa Lima (Teoria da Cultura de Massa,

São Paulo: Paz e Terra, 1990, 4a. edição) argumenta, baseado numa longa análise do desenvolvimento histórico da sociedade ocidental, que mesmo não se podendo afirmar que a cultura de massa só existe sob uma sociedade de consumo, é inegável como pré-requisito o desenvolvimento tecnológico que permita a produção cultural de massa e sua distribuição. Costa Lima indica ainda que na cultura de massa há várias camadas de heterogeneidade. Assim sendo, é lícito pensar que a leitura do mundo é individual e não homogênea, por mais que a mídia eletrônica distribua hoje uma mensagem unificadora.

Num ensaio - Significação da Publicidade - naquele mesmo livro introduzido por Costa Lima, Jean Baudrillard alerta sobre a função de persuasão da publicidade visando a um consumo dirigido. Baudrillard argumenta que, na medida em que "acreditamos" na publicidade, consumimos uma instância e sua imagem, consumimos uma propaganda que nos quer fazer acreditar no que queremos acreditar. Consumimos mais do que o produto: consumimos a idéia de consumo. Nessa linha, imersos na sociedade de consumo, nossa leitura do mundo é muito mais sutilmente condicionada.

Quando discute-se o saber ler, sempre surge em cena o papel da educação. Preocupados com todas as influências discutidas, e querendo preparar as pessoas da "melhor" forma possível para ser no mundo, deveríamos concentrar nossos esforços na educação. Esse argumento não é unânime. Pelo contrário, também é controverso. Patrice Canivez (*Educar o Cidadão?*, São Paulo: Papyrus, 1991) defende que, como o Estado nunca é neutro nem anônimo, a idéia de "educar o cidadão" é incômoda e suspeita. Por outro lado, caímos na "crise da educação", que Hannah Arendt já diagnosticava como sendo uma crise da tradição, uma crise de nossa atitude para com tudo que diz respeito ao passado (*La crise de la culture*, Paris; Gallimard, 1972). Ou seja, mesmo se soubéssemos ao certo como ensinar a "saber ler", estaríamos encurralados tentando neutralizar as influências existentes e, ao mesmo tempo, passar o melhor dessas mesmas influências.

De qualquer forma, sejamos otimistas ou pessimistas, apocalípticos ou integrados, podemos tomar como base que uma nova leitura do mundo é necessária, que a imensa maioria não está preparada para ou não sabe como fazer essa leitura, e que esse ato de ler não será isento de ideologia. E mais ainda, não haverá o conforto de uma leitura "totalizante": teremos que conviver tolerantemente com diferentes leituras do mundo.

Ítalo Calvino dizia que "a literatura (e talvez somente a literatura) pode criar os anticorpos que coíbam a expansão da peste da linguagem" (*Seis Propostas Para o Próximo Milênio*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990), no contexto do fim do milênio que viu o nascimento e o fim do livro. Se não o fim, mas pelo menos o destronamento do livro como símbolo máximo da transmissão de conhecimento. As "propostas" de Calvino são inspiradoras em diversos pontos: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Todas se aplicam naturalmente a saber ler e escrever, a perguntar e a responder. Mas a provocação de Calvino nos leva a refletir sobre o fato de que não temos ainda, coletivamente, uma proposta estruturada de "leitura" do mundo na "sociedade do conhecimento".

Essa é uma tarefa e um desafio, uma provocação e um obstáculo, tanto no nível social, como organizacional e mesmo individual. Essas são questões essenciais deste nosso tempo.

Como o indivíduo poderá ler o mundo numa sociedade em que o conhecimento é a matéria-prima de trabalho? Se não o poderá fazer com as técnicas e ferramentas existentes, então com quais? Ensinamos na escola a ler e escrever, bem no estilo linear da "galáxia de Gutemberg" de McLuhan: não ensinamos a ler em hipertexto.

Como uma organização - pública ou privada, pequena ou grande - poderá criar processos efetivos de comunicação e compartilhamento de conhecimento? Como criar uma linguagem comum, através da qual os colaboradores possam se comunicar e registrar o que sabem? Como desenvolver processos organizacionais de "leitura" do mundo, que ajudem a analisar cenários e à tomada de decisões? A maioria das empresas hoje está imersa em informações, mas poucas realmente conseguem lhes dar sentido e desses novos significados tirar vantagem competitiva.

Por fim, no nível mais geral, da sociedade brasileira e de sua inserção no cenário global, como dotar nossos quase 200 milhões, ou mais, de cidadãos e colaboradores de um "saber ler" esse mundo complexo, plural e multimídia, em que somos chamados a atuar? Como criar na sociedade um processo permanente de "hiper-alfabetização" e de "multi-leitura", sem com isso matar nossa identidade cultural, achatando o espaço de convivência nem acelerar ainda mais o tempo de vida? Enfim, como continuarmos humanos, coletivamente, mesmo inseridos nessa nova e imensa rede de conexões?

Nada indica, no entanto, que a "história da leitura" está em seu ocaso. Estamos nos adaptando, com diversas dificuldades, a novas formas de comunicação. Estamos reaprendendo a ler. E assim como que domina a linguagem dita a versão dominante do mundo e, conseqüentemente, regula a ação, também quem dominar primeiro e melhor esse novo "saber ler" - indivíduos, organizações ou nações - estará melhor posicionado para sobreviver e evoluir em seu ambiente.

Jayme Teixeira Filho (in memoriam), consultor da Informal Informática Ltda. (RJ), autor dos livros "Gerenciando Conhecimento" e "Novas Oportunidades Profissionais em Comércio Eletrônico" pela Editora SENAC Rio, professor da Fundação Getúlio Vargas / RJ e foi o primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento.

O INSIGHT INFORMAL é uma newsletter gratuita por e-mail sobre Gestão do Conhecimento e E-Business da Informal Informática. Para receber basta solicitar por e-mail para (gestao@informal.com.br) ou por telefone para 55 21 2556 7903.